

A CAMPANHA DE OKINAWA Por Reinaldo V. Theodoro



Tanque Leve Tipo 95 japonês posto fora de combate em Okinawa.

Okinawa:

Em 25/10/44, Okinawa, a principal ilha da cadeia das Ryukyu, foi escolhida como alvo da última grande operação americana no Pacífico antes da invasão do próprio Japão. A conquista de Okinawa constituiu um passo lógico na estratégia de estrangulamento gradual estabelecida pelos americanos. Localizada estrategicamente entre Kyushu, a ilha mais meridional do Japão, e Formosa, Okinawa era uma base essencial para o desenvolvimento das forças aéreas, navais e terrestres aliadas e como trampolim de onde partiria o assalto contra o Japão. A ilha tinha várias bases aéreas e as duas únicas baías de tamanho considerável na região. A sua posse também permitiria que os bombardeiros médios se unissem aos grandes bombardeiros Boeing B-29, as Superfortalezas Voadoras, no trabalho de destruição da infra-estrutura japonesa (calculava-se que poderiam ser concentrados na ilha quase 800 bombardeiros).

Embora Okinawa administrativamente fizesse parte do Distrito de Kyushu e, portanto, fosse uma extensão do próprio território japonês, a população local teve, durante séculos, um status semi-autônomo, convivendo com dois grandes impérios nas vizinhanças (China e Japão) e absorvendo aspectos culturais de ambos. O idioma japonês era ensinado nas escolas, mas a língua corrente era o luchuan. A população da ilha chegava a 435.000 almas, na maioria autóctones, mas con-

tando com centenas de japoneses. Os nativos de Okinawa tinham que prestar o serviço militar japonês, porém, os japoneses consideravam-nos inferiores e isso gerava uma série de ressentimentos. Isso pode explicar o incomum número de prisioneiros que os americanos arrebanharam na campanha pela ilha.

De terreno acidentado e cercada de recifes de coral, Okinawa mede cerca de 100 quilômetros de comprimento, com uma largura que varia entre 3 e 30 quilômetros. A “cintura” da ilha separa a sua parte norte da parte sul. A parte norte compreende 2/3 da área da ilha, sendo montanhosa e densamente arborizada. A parte sul, ao contrário, é constituída de terreno menos acidentado, mais ondulado. Mas aí se situam a capital, Naha, e a maior parte da população e das áreas cultivadas. Também no sul se encontram elevações importantes e inúmeras cavernas.

Operação Iceberg:

A invasão, batizada de “Operação Iceberg”, foi originalmente planejada para 01/03/45, mas foi adiada devido ao prolongamento da batalha por Iwo Jima. Acabou marcada para o dia 01/04/45.

O planejamento incluía uma semana de “amacramento” da ilha, com ataques aéreos realizados por porta-aviões e bombardeiros pesados, seguida por mais uma semana de bombardeio naval antes dos desembarques.

Mais de 182.000 soldados fariam o assalto inicial.

Estimava-se o efetivo japonês na ilha entre 50.000 e 75.000 homens e cerca de 200 peças de artilharia pesada. Esperava-se que a conquista da ilha fosse uma operação rápida, de mais ou menos um mês de duração. Os americanos logo descobririam que estavam muito enganados.



Os Invasores:

A invasão de Okinawa seria realizada pela maior armada jamais vista: 1.213 navios de todos os tipos. A força terrestre era composta por 451.866 homens do US Army e do US Marine Corps (os “marines”, Fuzileiros Navais). A 5ª Frota, do Almirante Raymond A. Spruance, incluía mais de 40 porta-aviões, 18 encouraçados e 200 destróieres. Até os ingleses entraram na dança: a Força-Tarefa 57, comandada pelo Almirante Sir Bernard Rawlings, incluía os encouraçados *King George V* e *Howe* e quatro grandes porta-aviões (*Indefatigable*, *Indomitable*, *Victorious* e *Illustrious*, totalizando 218 aviões embarcados).

A conquista da ilha estava a cargo do 10º Exército americano, sob o comando do Tenente-General Simon Bolivar Buckner. A força de invasão consistia do 3º Corpo Anfíbio (1ª e 6ª Divisões de “Marines”), do Major-General Roy S. Geiger, e do 24º Corpo-de-Exército (7ª e 96ª Divisões), do Tenente-General John R. Hodge. Em reserva estavam ainda a 2ª Divisão de “Marines” e as 27ª e 77ª Divisões de Infantaria. Os desembarques seriam realizados em mais de 8 quilômetros de praias de Hagushi¹, na costa oeste da ilha, na foz do córrego Bishi. O córrego seria a

¹ De fato, houve um erro de tradução da parte dos americanos: a vila que eles chamaram de Hagushi era, na verdade, Togushi. Os japoneses chamavam o lugar de praia de Kadena.

linha divisória entre o setor dos “marines” e do Exército. O local foi escolhido devido à sua proximidade com os aeródromos de Yontan e Kadena, que precisavam ser capturados rapidamente para serem usados no apoio às tropas desembarcadas. Os americanos então se espalharam para o norte, leste e sul, eliminando a resistência japonesa e assegurando a posse da ilha.

Os Defensores:

A defesa de Okinawa era missão do 32º Exército, do General Mitsuru Ushijima. Os seus principais elementos eram as 24ª e 62ª Divisões de Infantaria, mais a 44ª Brigada Independente Mista. Contando ainda com outras unidades menores (como os remanescentes do 27º Regimento de Tanques) e tropas improvisadas, o efetivo total de Ushijima chegava a cerca de 150.000 homens, a maioria dos quais concentrada no sul da ilha.

Cientes do esmagador poderio da artilharia naval e da aviação americanas, os japoneses deixaram as praias indefesas e concentraram-se em posições cuidadosamente preparadas no interior da ilha, em cavernas, túneis, casamatas, fortificações e até catacumbas.

Os japoneses em Okinawa não tinham esperanças de manter a posse da ilha, mas pretendiam, com a sua resistência, retardar ao máximo o assalto final contra o Japão. Os soldados japoneses lutariam até a morte, prolongando o combate ao máximo, a fim de fixar a esquadra americana na missão de apoio às suas forças terrestres. O Alto Comando japonês esperava tirar partido da longa duração da batalha em terra para destruir no mar a esquadra invasora, exposta ao largo da ilha. Ataques em massa, combinando kamikazes e bombardeios convencionais, foram planejados com esse intento, bem como ataques com elementos da esquadra.

Para atingir tal objetivo, seriam fundamentais os kamikazes, pilotos suicidas que se atiravam contra os navios aliados com seus aviões carregados de explosivos. O “Corpo de Ataque Especial” reunia pilotos da Marinha e do Exército que, muitas vezes, mal tinham o treinamento para decolar com seus aviões para a sua viagem só de ida (e, ao contrário do que muita gente pensa, nem sempre eram voluntários).

Preliminares:

As operações preliminares se iniciaram a 18/03/45, com pesados ataques aéreos às bases aéreas japonesas em Kyushu, Shikoku e Honshu. A 22/03/45, iniciaram-se os trabalhos de limpeza dos campos de minas marinhas. 122 barcos limpavam mais de 3.000 milhas quadradas de oceano, destruindo 257 minas. Mas era um trabalho perigoso. Os barcos designados para ele soma-

ram mais de 15% de todas as perdas navais durante a “Operação Iceberg”. Depois, a partir do dia 23, a Força-Tarefa 58, comandada pelo Vice-Almirante Marc A. Mitscher, bombardeou violentamente a própria Okinawa. A aviação embarcada realizou 3.100 surtidas contra as posições japonesas, destruindo os últimos poucos aviões que restavam na ilha. A 25/03/45, a Força-Tarefa 54, do Contra-Almirante Morton L. Deyo, composta por 9 encouraçados velhos, 10 cruzadores e vários destróieres, aproximou-se da ilha e começou um bombardeio pré-invasão de 7 dias. A 26/03/45, a pequena ilha de Kerama Retto, a 24 quilômetros a oeste de Okinawa, foi capturada pela 77ª Divisão de Infantaria². A ilha oferecia bom ancoradouro e serviria de base para hidroaviões. Partindo das bases nas Marianas, os B-29 também ajudaram a levar a devastação aos campos de pouso japoneses.

A Invasão:

O domingo de Páscoa, dia 1º de abril de 1945, foi um dia claro no Mar da China Oriental. O oceano estava tranquilo, fazia frio, a visibilidade era boa e o sol bastante forte. Okinawa, até então uma ilha longínqua e obscura, mas que logo se incorporaria às tradições militares americanas, apresentava uma silhueta sombreada no horizonte.

Às 8:30 h, as forças americanas aproximaram-se das praias ignorando que a linha de costa estava totalmente indefesa. O desembarque acabou sendo o anticlímax dos meses de preparação intensa e das semanas de tensão que o precederam. Ao largo das praias, a US Navy desembarcou as tropas com uma facilidade inacreditável. Ao longe, rugem os canhões navais – canhões americanos. No ar, aviões bombardeiam e metralham impiedosamente – mas também são americanos. Os japoneses, aparentemente, não haviam sido convidados para a festa.

No lado esquerdo (norte) da cabeça-de-praia, desembarcaram os “marines” da 6ª Divisão, nas praias designadas pelas cores Verde e Vermelho. À sua direita, a 1ª Divisão de “Marines” desembarcou nas praias Azul e Amarela. Na frente do Exército, a 7ª Divisão de Infantaria desembarcou nas praias Roxa e Laranja, enquanto no flanco direito (sul), desembarcou a 96ª Divisão, na praia Branca.

Os americanos esperavam encontrar feroz resistência nas elevações em torno da cabeça-de-praia. Ao invés disso, os soldados avançaram rapidamente para seus primeiros objetivos. Antes do meio-dia, os aeródromos de Yontan e Kadena foram ocupados (esperava-se que só seriam conquistados após três dias). Ao chegar ao topo de

² Na ilha foram encontrados 250 barcos suicidas prontos para serem usados contra os navios americanos.

uma colina, um infante da 7ª Divisão de Infantaria não se conteve e exclamou:

— Já vivi muito mais do que esperava!

Estranhamente, a principal ponte sobre o córrego Bishi estava intacta e as pistas de pouso não haviam sido dinamitadas.

Às 16:00 h, a cabeça-de-praia estava assegurada e mais de 50.000 homens já haviam desembarcado. A única resistência havia se manifestado na forma de algumas explosões de granadas de morteiros e de artilharia. Os soldados do 1º Regimento Especial (metade dos quais nem sequer tinha armas), formado com pessoal de manutenção de aeródromos, não ofereceu qualquer resistência significativa. Ao todo, os invasores registraram, no primeiro dia da campanha, 28 mortos, 27 desaparecidos e 104 feridos.



O tranquilo desembarque americano em Okinawa. A tranquilidade não duraria muito tempo.

Ironicamente, as primeiras baixas da invasão se deram bem longe dela. A 2ª Divisão de “Marines” fez uma demonstração diversiva na área de Minatogawa, na esperança de atrair as reservas japonesas para longe das praias de invasão (medida totalmente supérflua, como vimos) e alguns kamikazes fizeram dessa força seu alvo, atingindo um LST e um navio de transporte.

A invasão de Okinawa teve grande repercussão no Japão. A notícia foi divulgada no dia 3 e o Primeiro-Ministro Kuniaki Koiso foi forçado a deixar o cargo no dia seguinte. No dia 7, o Imperador Hiroito convidou o Almirante Barão Kantaro Suzuki para o cargo, com instruções secretas para encontrar um caminho para terminar a guerra.

Mas, na cabeça-de-praia, todos se perguntavam a mesma coisa: onde estavam os japoneses?

O Avanço para o Norte:

Diante da inesperada situação, os americanos progrediram rapidamente. A 6ª Divisão de “Marines” foi incumbida de avançar para o norte. Embora ela fosse a mais nova das divisões dos “Marines”, ela não era de maneira nenhuma uma força inexperiente. O seu 4º Regimento³ havia

³ O 4º Regimento de “Marines” original foi perdido em Corregidor em 1942 e, como reza a tradição, só poderia ser recriado tendo como base tropas que se destacassem em combate.

sido formado a partir dos Batalhões de Incursores (“Raiders”) que haviam participado de diversas ações desde Guadalcanal. O 22º Regimento também havia participado de luta intensa em Eniwetok, nas ilhas Marianas e ilhas Marshalls. O 1º Batalhão do 29º Regimento (então independente) havia participado da luta nas Marianas.

No dia 06/04/45, o 29º Regimento iniciou um avanço pela costa oeste, apoiado pelos Shermans do 6º Batalhão de Tanques dos “Marines”, enquanto o 4º Regimento avançava pela costa leste. As estradas na região eram péssimas e o terreno era muito acidentado e com densa cobertura vegetal. Todavia, os japoneses abriram mão das vantagens desse terreno e se estabeleceram unicamente na Península de Motobu. A ação japonesa aqui se limitou à destruição de pontes e colocação de minas. Coube ao 29º Regimento investir a península, enquanto os outros regimentos ocupavam as costas norte e leste da ilha e protegiam a retaguarda do 29º.



Sherman M4A3 do 6º Batalhão de Tanques dos “Marines”.

O terreno era extremamente acidentado, intransponível para tanques, e a posição principal se situava no Monte Yae. Os japoneses, cerca de 1.500, estavam organizados na “Força Udo”, destacada da 44ª Brigada. Por fim, a 14/04/45, os 29º e 4º Regimentos lançaram um ataque coordenado que durou vários dias. A 17/04/45, o monte foi tomado, mas a área só foi limpa no dia seguinte. Cerca de 700 japoneses mortos foram encontrados, tendo os sobreviventes se dispersado para realizar ações de guerrilha no norte da ilha. Essas ações foram extremamente danosas à retaguarda americana, com emboscadas, incursões e franco-atiradores. Os nativos foram arregimentados para realizar ações de sabotagem e o 7º Regimento de “Marines” (1ª Divisão) acabou sendo engajado contra a guerrilha à medida que esses grupos rumavam para o sul.

A 04/05/45, a desfalcada 27ª Divisão de Infantaria substituiu a 6ª de “Marines” no norte da ilha e esta começou a se transferir para o sul, onde se feriu violento combate.

O Avanço para o Sul:

A 1ª de “Marines” e a 7ª atravessaram a ilha e chegaram à costa leste no dia 3. A 96ª pivotou para a direita e, tendo a 7ª no seu flanco esquerdo, progrediu para o sul. Em poucos dias, as unidades atingiram as posições que só se esperava que alcançassem após duas semanas de combates. As unidades aéreas começaram a se estabelecer nas bases capturadas a 07/04/45 e logo começaram a providenciar apoio aéreo para as tropas.

Enquanto isso, a falta de reação dos japoneses deixava os militares americanos atônitos. Chegaram a pensar que a ilha havia sido evacuada. Mas o 32º Exército japonês estava esperando pacientemente nas suas posições protegidas. A conquista de Okinawa, que a princípio parecia que seria rápida e fácil, se prolongaria por três agonizantes meses.

No dia 06/04/45, o 184º Regimento (7ª Divisão) tomou o penhasco conhecido como “Pináculo”, após violento combate. Outras cristas, chamadas de “Cactus”, “Kaniku” e “Tombstone”, também foram tenazmente defendidas pelos homens da 63ª Brigada (62ª Divisão). Durante três dias, de 6 a 8 de abril, os americanos tiveram mais de 1.500 baixas, com os japoneses tendo quase 4.500 mortos. E isto era só uma força de cobertura.

A “Linha Shuri”:

Afinal, a 09/04/45, a estratégia japonesa começou a ficar clara para os americanos. Nesse dia, eles se depararam com a “Linha Shuri”, uma seqüência de elevações que atravessava a ilha e que tinha como ponto-chave o castelo Shuri, um castelo construído por um rei da Antigüidade, dotado de paredes de 6 metros de espessura. O castelo estava localizado num estratégico ponto elevado a meio caminho entre as costas ocidental e oriental. A “Linha Shuri” era dotada de posições defensivas fortemente preparadas, com campos de tiro coordenados, portas de acesso às casamatas feitas de aço (imunes aos lança-chamas), túneis de comunicação e artilharia bem dirigida e camuflada. Ushijima havia decidido manter a “Linha Shuri” com a 62ª Divisão, mantendo a 24ª Divisão e parte da 44ª Brigada em reserva para contra-atacar onde fosse necessário.

A 96ª Divisão, no flanco direito (oeste), atacou a crista de Kakazu a partir do dia 9. Foi repelida diversas vezes, até que conseguiu seu intento no dia 12.

No flanco esquerdo (leste), a 7ª Divisão fez pouco progresso, enfrentando a feroz resistência japonesa, dificuldades de terreno e a falta de vias de acesso, provocando sérios problemas logísticos.

O dia 12/04/45 foi de luto para os americanos: morreu o Presidente Franklin D. Roosevelt. Mas

muitos outros americanos também morreriam nesse dia. Algum tempo depois, aproveitando-se da situação, os japoneses lançaram folhetos para os americanos:

“Manifestamos nosso profundo pesar pela morte do Presidente Roosevelt. Com a sua morte, já pode ser revelada a ‘Tragédia Americana’ aqui em Okinawa. Vocês devem ter visto que 70% dos seus porta-aviões e 75% dos encouraçados foram afundados ou avariados, produzindo 150.000 baixas. A grande ‘Esquadra Americana do Fundo do Mar’, com um efetivo de 500 navios, nasceu em torno dessa pequena ilha”.

Os comandantes japoneses começaram a exigir um contra-ataque e Ushijima, por fim, concordou. O 22º Regimento (24ª Divisão) moveu-se para o norte e, junto com outras unidades menores, atacou às 19:00 h de 12/04/45. Uma barragem de 30 minutos cobriu a infiltração da infantaria japonesa. Na frente da 7ª Divisão, o inexperiente 22º Regimento acabou realizando um fraco e descoordenado ataque que foi facilmente rechaçado. Já no flanco oposto, o 272º Batalhão de Infantaria Independente conseguiu ameaçar seriamente a posição do 381º Regimento (96ª Divisão) na crista Kakazu. A luta aqui se prolongou por duas noites, sendo os japoneses finalmente repelidos.

Atacando a “Linha Shuri”:

Diante da situação e das pesadas baixas, a 27ª Divisão de Infantaria foi trazida para a ilha. Ela desembarcou a 09/04/45, menos o 105º Regimento, que havia sido destacado para conquistar Tsugen Shima, mas ele reuniu-se à divisão a 13/04/45. Agora estavam alinhadas, de oeste para leste, as 27ª, 96ª e 7ª Divisões. A 62ª Divisão japonesa continuava responsável pela defesa da “Linha Shuri”, agora com suas duas brigadas engajadas.

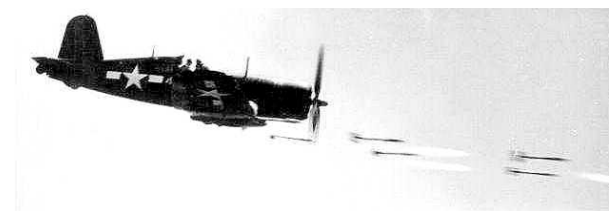
Na noite de 18/04/45. O 106º Regimento investiu o escarpamento de Urasoe-Mura, depois de um pesado bombardeio aéreo e naval que não teve muita eficácia contra as bem protegidas posições japonesas. Para piorar as coisas, o regimento enfrentou uma série de furiosos contra-ataques japoneses. A área só foi assegurada a 23/04/45.

A ofensiva geral começou ao amanhecer de 19/04/45, com um bombardeio realizado por 27 batalhões de artilharia, além da participação da artilharia naval e da aviação. Foi lançado o poder de fogo de 5 encouraçados (*Tennessee, Nevada, New York, Texas e Arkansas*), 6 cruzadores, 9 destróieres e 650 aviões da esquadra. Nunca antes tanto poderio naval havia sido colocado à disposição de uma batalha terrestre. Os canhões navais permaneceram em ação quase até o final da campanha, quando o risco de atingir tropas amigas tornou-se muito grande.

A 7ª Divisão investiu contra a “Crista do Horizon-

te”, na extremidade leste da linha, mas foi rechaçada. No centro, a 96ª atacou as cristas Tombs-tone e Nishibaru, sem ganhar muito terreno. À sua direita, a 27ª Divisão atacou as cristas Kakazu e Nishibaru, sendo detida com pesadas baixas. O 105º Regimento sofreu um feroz contra-ataque que praticamente aniquilou o 193º Batalhão de Tanques que o estava apoiando. Os japoneses, pertencentes ao 272º Batalhão de Infantaria Independente, 2º Batalhão de Morteiros e 22º Batalhão Anti-Tanque, lançaram pesado fogo de metralhadoras e fuzis para deter a infantaria americana. Em seguida, granadas fumígenas foram usadas para cegar os tripulantes dos tanques, enquanto cargas de demolição e minas magnéticas eram colocadas nas laterais e na traseira dos blindados. Foi um massacre. Os esquadrões suicidas subiam nos tanques imobilizados e lançavam granadas pelas escotilhas. Alguns poucos sobreviventes se esconderam embaixo de seus veículos e conseguiram retornar às linhas americanas dois dias depois. Foram perdidos 22 tanques (18 M4A3 e 4 Shermans lançachamas cedidos pelo 713º Batalhão) e os 8 blindados remanescentes foram transferidos para outras unidades para repor as perdas. O 193º não foi reconstituído antes do fim da campanha. Enquanto isso, o 165º Regimento também foi engajado para fechar uma brecha que estava se formando entre as 27ª e 96ª Divisões.

Durante a semana seguinte, as três divisões continuaram empenhadas em cruente combate para romper a “Linha Shuri”. As cristas de Kakazu e Nishibaru e o escarpamento de Tanabaru foram afinal conquistados, mas a 7ª Divisão continuava detida. Um bolsão estava sendo formado na linha, que ficou conhecido como “Bolsão de Kakazu”. Um grupo de batalha formado pelos batalhões em reserva das três divisões, chamado de “Força-Tarefa Bradford”, apoiado por blindados, foi incumbido de eliminar o bolsão, o que foi feito a 24/04/45.



F4U-1 Corsair do VMF-323, USMC, em missão de apoio às forças de terra. Nessa ocasião, o Corsair ganhou o apelido de “Namorada de Okinawa”.

Depois de violentos combates, a 27ª Divisão conseguiu penetrar na “Linha Shuri” e conquistar o aeródromo de Machinato, a 28/04/45. Pelo fim do mês, as três divisões haviam conseguido avançar entre 900 e 1.800 metros. Contudo, a 96ª estava detida diante do escarpamento de Urasoe-Mura e

a 7ª diante da Crista Kochi. A batalha teve então que ser interrompida, pois as três divisões americanas estavam esgotadas.

Os comandantes americanos passaram a solicitar um desembarque nas costas da “Linha Shuri”, o que Buckner rejeitou, pois só havia uma divisão disponível (a 77ª de Infantaria, já que a 2ª de “Marines” havia voltado para Saipan a 11/04/45 para se preparar para outras operações que nunca aconteceriam), o que não era considerado suficiente, tendo em vista a força estimada dos japoneses ao sul da “Linha Shuri”. Além disso, havia problemas logísticos e a sobrecarga sobre a Marinha, que já tinha problemas imensos para manter a cabeça-de-praia atual.

Ao invés disso, a 1ª Divisão de “Marines”, que até então estava mantendo a segurança na retaguarda do 10º Exército, entrou em linha a 01/05/45, substituindo a esgotada 27ª Divisão. A 77ª (menos 3 batalhões, que estavam em missão de guarnição nas ilhas ao redor de Okinawa) substituiu a 96ª e a batalha pôde então recomeçar. Ambas as divisões retomaram o ataque para o sul a 01/05/45, mas elas logo teriam que passar para a defensiva.



Fuzileiros navais americanos, os “marines”, em ação em Okinawa.

A Ofensiva Japonesa:

Embora bem sucedida e atendendo aos objetivos estratégicos dos japoneses, a batalha defensiva contrariava totalmente a mentalidade militar japonesa. Os comandantes nipônicos desejavam ardentemente contra-atacar, expulsar os americanos e reconquistar as posições perdidas. Embora taticamente não houvesse grandes vantagens a serem obtidas com uma ofensiva, o General Ushijima cedeu aos apelos de seus subordinados.

O ataque se daria na noite de 03-04/05/45. A 24ª Divisão atacaria o centro e a direita da linha, caindo sobre a cansada 7ª Divisão e a recém-chegada 77ª. Uma vez que a 24ª rompesse a linha americana e inflectisse para o oeste, ameaçando a retaguarda da 1ª Divisão de “Marines”, a

62ª, diante dela, também passaria ao ataque. Ao mesmo tempo, grupos de incursões desembarcariam em ambas as costas, atrás das linhas americanas. A aviação japonesa também participaria: aviões vindos de Kyushu bombardeariam as bases de Kadena e Yontan e grande número de kamikazes seria lançado contra a esquadra americana ao largo da ilha.

Às 04:50 h de 04/05/45, um pesado bombardeio de mais de 30 minutos abateu-se sobre os defensores, com forte uso de granadas fumígenas para cegar os americanos. Foi o mais pesado bombardeio realizado pelos japoneses em toda a campanha de Okinawa.

Em seguida, a 24ª Divisão, dividida em seis colunas, atacou em direção ao escarpamento de Tanabaru. Porém, os americanos se defenderam obstinadamente, apoiados pelos seus canhões. Ao todo, 30 batalhões de artilharia martelaram os atacantes e quando os japoneses passaram a usar cortinas de fumaça para proteger suas tropas, os americanos simplesmente passaram a bombardear onde havia fumaça. A maioria das colunas japonesas foi detida com pesadas baixas. O 27º Regimento de Tanques, na única vez em que foi usado ofensivamente em toda a sua existência, perdeu quase todos os seus blindados atacando a Crista Maeda. O 1º Batalhão do 22º Regimento conseguiu penetrar na linha americana e atingiu a crista Kochi, mas recebeu ordem de recuar depois que os outros ataques à sua volta fracassaram.

Na madrugada de 05/05/45, elementos do 1º Batalhão do 32º Regimento (24ª Divisão) conseguiram penetrar entre as 7ª e 77ª Divisões e atingiram Tanabaru. Durante os dois dias seguintes, o 2º Batalhão do 17º Regimento (7ª Divisão) se encarregou de exterminar os intrusos. Alguns sobreviventes conseguiram retornar às suas linhas na noite de 06-07/05/45. Era o fim da ofensiva japonesa.

A aventura custou aos japoneses cerca de 7.000 baixas (contra menos de 700 dos americanos) e reduziu seus estoques de munição, principalmente de artilharia. No final das contas, ela só serviu para enfraquecer a defesa. A ofensiva americana foi contida por dois dias e logo seria retomada.

A 08/05/45, a Alemanha capitulou. Sem qualquer condescendência para com o aliado batido, a imprensa japonesa “escolhambou” os alemães, reprovando-lhe a “falta de espírito combativo”.

Operações Subsidiárias:

Entre 6 e 11/04/45, o 105º Regimento de Infantaria (27ª Divisão) capturou as ilhas ao largo da costa leste de Okinawa. A única que estava ocupada era Tsugen, guarnecida por quase 300 homens de uma bateria do 7º Regimento de Artilharia Pesada. Ao preço de 14 mortos, a ilha foi con-

quistada e a bateria destruída, restando apenas cerca de 30 japoneses que conseguiram escapar. A ilha de Ie Shima, a oeste da Península de Motobu, foi invadida pela 77ª Divisão a 16/04/45. A sua conquista levou 6 dias de luta feroz (embora as operações de limpeza levassem ainda mais alguns dias), ao fim da qual os americanos tiveram 218 mortos ou desaparecidos e 902 feridos. Entre os mortos estava o famoso correspondente de guerra americano Ernie Pyle, atingido por fogo de metralhadora a 18/04/45. Os japoneses perderam aqui cerca de 4.700 homens, incluindo cerca de 1.500 civis armados (inclusive mulheres) e 409 prisioneiros foram feitos. Cerca de 1/3 da população civil havia morrido em decorrência do combate e os sobreviventes foram evacuados pelos americanos, só retornando após a guerra.

Rompendo a “Linha Shuri”:

A 07/05/45, o 3º Corpo Anfíbio assumiu parte da frente no flanco oeste, reassumindo o comando da 1ª Divisão de "Marines" e trazendo a 6ª para a área junto à costa. Devido à estreiteza da frente, apenas um regimento, o 22º, entrou em linha. A 77ª Divisão foi reforçada com a chegada do 305º Regimento, liberado de suas funções de guarnição e a 96ª Divisão, descansada, substituiu a esgotada 7ª. O 10º Exército renovou seus ataques para o sul a 11/05/45.

A série de violentos combates contra soldados entrincheirados em cavernas e túneis então começou. A única tática válida era “incendiar e explodir”, com o uso extensivo de lança-chamas e cargas de demolição, seguido de feroz combate corpo-a-corpo.

O objetivo principal era Shuri, atacado pelos "Marines". O progresso foi lento, mas firme. A 6ª Divisão enfrentou combate violento e custoso diante da crista chamada de "Pão de Açúcar", no flanco oeste. A 14/05/45, um pelotão do 2º Batalhão do 22º Regimento conseguiu chegar ao "Pão de Açúcar", mas aí foi eliminado. Ainda nesse dia, o cume da crista foi atingido por 45 homens, tudo o que restara de duas companhias do 2º Batalhão. Antes do amanhecer do dia 15, porém, restavam apenas 7, que foram então substituídos pela Companhia "K". Antes do anoitecer, porém, essa companhia, que entrou em linha com 103 homens, foi retirada com apenas 9 homens incólumes. Os 60 homens da Companhia "D", 1º Batalhão do 29º Regimento, entraram em linha em seu lugar. Antes do fim do dia, seus 11 sobreviventes foram retirados. O "Pão de Açúcar" não era, de maneira nenhuma, um lugar doce.

Sabendo que os americanos haviam batizado pontos capitais da ilha com nomes curiosos, a rádio japonesa fez uso disso em suas transmissões em inglês: “Colina Pão de Açúcar”, ‘Queda Chocolate’, ‘Colina Morango’. Puxa! Esses lugares

parecem maravilhosos! Você pode ver casas de doces, com cercas brancas em volta e os doces pendurados em árvores, com suas listras brancas e vermelhas brilhando ao sol. Mas a única coisa vermelha nesses lugares é o sangue de americanos!”



Os Shermans lança-chamas do 713º Batalhão de Tanques foram valiosíssimos no tipo de luta travada em Okinawa. Os seus lança-chamas tinham um som estridente e aterrorizante.

No dia 16, a matança continuou. A Companhia "I" do 22º Regimento chega à crista, de onde seus 50 sobreviventes são expulsos em menos de uma hora. À sua esquerda, o 3º Batalhão do 29º Regimento atacou a colina chamada de "Meia Lua", mas foi repellido.

A 17/05/45, o 29º Regimento voltou a atacar a "Meia Lua", mas, depois de lutar o dia inteiro, foi obrigado a recuar ao escurecer. No "Pão de Açúcar", um único fuzileiro resolveu atacar sozinho. Ele conseguiu destruir posições japonesas usando granadas de mão, mas, ao retornar, foi enviado para a retaguarda para avaliação psicológica. Às 17:00 h, a Companhia "E" do 29º Regimento atacou novamente o "Pão de Açúcar", mas o ataque foi novamente repellido, restando à companhia 35 homens.

As baixas se avolumavam, mas os "marines" não desistiam. A 18/05/45, é a vez da Companhia "D" do 29º Regimento sangrar. O ataque começa às 8:30 h e, às 9:46 h, os americanos chegam ao cume. A despeito das pesadas baixas, dessa vez os americanos se recusam a sair.

No dia 19, o 4º Regimento substitui o dizimado 29º. As Companhias "K" e "L" substituem os remanescentes da Companhia "D" no cume do "Pão de Açúcar". A sua conquista custara mais de 3.000 baixas aos "marines".

Mas se as baixas americanas haviam sido pesadas, as japonesas haviam sido esmagadoras. No fim de maio, não havia mais unidades organizadas em linha, mas apenas remanescentes precariamente reforçados com tropas administrativas e de serviços.

A 22/05/45, chuvas torrenciais inundaram Okinawa. O terreno transformou-se num charco e os blindados atolavam. Os suprimentos passaram então a ser transportados para a frente em veículos anfíbios. Transtorno para as tropas, alívio para os marinheiros, que ganharam uma trégua dos constantes ataques aéreos japoneses.

Na noite de 24/05/45, os japoneses bombardeiam os campos de Yontan e Kadena e, logo em seguida, tentam um ataque aeroterrestre com homens da 1ª Brigada de Incursores. Dos cinco aviões despachados para a missão suicida, quatro são abatidos. O 5º consegue fazer um pouso forçado em Yontan, de onde saem cerca de 10 japoneses que imediatamente começam a metralhar o campo. Antes de serem exterminados, destroem 7 aviões americanos, danificam outros 26 e incendiam 280.000 litros de gasolina.

A 25/05/45, remanescentes da 62ª Divisão atacaram a frente do 24º Corpo. O QG do 32º Exército deixou o castelo Shuri a 27/05/45 e se estabeleceu numa crista perto de Mabuni. A capital da ilha, Naha, foi tomada a 29/05/45 pelo 22º de "Marines", enquanto elementos do 5º de "Marines" (1ª Divisão), penetrando através das linhas da 77ª Divisão, capturaram o castelo Shuri, para exasperação do Exército. Nesse mesmo dia, a 96ª conseguiu romper as defesas japonesas no flanco leste.

Com a "Linha Shuri" perfurada em vários pontos, as tropas japonesas começaram a se retirar. A 24ª Divisão estabeleceu uma nova linha ao sul de Itoyan no flanco oeste e, aos poucos, os remanescentes da 62ª Divisão e da 44ª Brigada também recuaram, estendendo a frente até a costa leste. A manobra japonesa fez com que as suas principais unidades trocassem de posição na linha, um movimento complicado, mas bem sucedido. Os feridos que podiam ainda pegar em armas foram deixados como força de cobertura, enquanto os feridos mais graves foram simplesmente mortos.

Na península de Oroku, 10.000 homens da Marinha recuaram antes da hora e depois, ignorando as ordens do Exército, retornaram ao ponto de partida. O reconhecimento aéreo americano detectou esses movimentos de tropas para o norte e para o sul, o que deixou os comandantes americanos sem entender o que estava acontecendo. A retirada terminou a 04/06/45. Nas casamatas e abrigos da "Linha Shuri", agora em ruínas, haviam perecido mais de 50.000 soldados japoneses. Mas a luta continuaria, agora mais ao sul, com os japoneses de costas para o mar.

Okinawa Assegurada:

No fim de maio, fortes chuvas voltaram a transformar as operações de ambos os exércitos, embora os americanos, que dependem mais do transporte motorizado, fossem mais prejudicados. Agora os americanos tinham 5 divisões em linha (de oeste para leste: 6ª de "Marines", 1ª de "Marines", 77ª, 96ª e 7ª de Infantaria). A 6ª Divisão, voltada para o sul em Naha, tinha à sua frente a Península de Oroku. Os "Marines" decidiram então realizar um assalto anfíbio⁴, que foi efetuado às 6:00 h de 04/06/45 pelo 4º Regimento de "Marines", com o 29º Regimento desembarcando logo em seguida.



Homens da 77ª Divisão de Infantaria numa dobra do terreno em Okinawa.

Enquanto isso, o restante do 10º Exército prosseguiu no avanço para o sul, nos calcanhares dos japoneses em retirada.

A nova linha japonesa começava ao sul de Itoyan, passava através das colinas de Yuza-Dake e Yaeju-Dake, chegando à costa leste ao sul de Minatogawa. Vários bolsões japoneses haviam ficado para trás e teriam que ser liquidados um por um.

O 8º Regimento de "Marines" (2ª Divisão) desembarcou a 15/06/45 e foi anexado à 1ª Divisão para participar dos combates finais na ilha. A frente de batalha agora estava tão estreita que apenas três a cinco batalhões de cada divisão eram mantidos em linha.

Mas muitos não viam o final da luta, incluindo o comandante americano. O General Buckner foi morto a 18/06/45 por um fragmento de coral lançado pela explosão de uma granada de artilharia japonesa. O General Geiger, do 3º Corpo, assumiu interinamente o comando do 10º Exército até

⁴ Alguns autores mencionam que este foi o último desembarque de assalto da 2ª Guerra Mundial, mas isso não é verdade. A 26/06/45, o Batalhão de Reconhecimento Anfíbio dos "Marines" desembarcou em Kume Shima, a cerca de 90 km a oeste de Okinawa.

a chegada do Tenente-General Joseph A. Stilwell cinco dias depois (e com isso tornou-se o único General do USMC a assumir o comando de um Exército em campanha).

A 19/06/45, Ushijima ordenou aos sobreviventes de suas tropas que combatessem até a morte. A 20/06/45, a 96ª Divisão foi retirada de linha para extirpar um grande bolsão que havia ficado para trás no centro da península de Kiyau, o que só foi conseguido no dia 22. Enquanto a 6ª de "Marines" limpava a península de Oroku, a 1ª arrasava as últimas posições da 62ª Divisão japonesa na crista de Kiyamu-Gusuku. A 7ª Divisão, que havia eliminado um bolsão na Cota 115 a 17/06/45, encurralou o QG do 32º Exército, então defendido pelos últimos remanescentes da 24ª Divisão. A 21/06/45, o 10º Exército atingiu a extremidade sul da ilha.

No dia 22/06/45, Ushijima e seu Chefe de Estado-Maior cometem o *haraquiri*. O momento está registrado em um diário japonês capturado.

"O cozinheiro preparou uma lauta refeição para ser servida pouco antes da meia-noite. Terminada a refeição, os dois generais e seus subordinados beberam vários brindes de despedida, utilizando as últimas garrafas de uísque escocês trazidas de Shuri".

A maioria dos demais comandantes de grandes unidades e de Estado-Maior preferiu morrer numa última carga *banzai*.

Às 17:00h de 21/06/45, Geiger anunciou que a ilha estava segura e uma cerimônia formal de hasteamento da bandeira americana foi realizada a 22/06/45. Alguns bolsões japoneses ainda precisavam ser eliminados, o que levou mais alguns dias. Após 82 dias, a campanha de Okinawa foi oficialmente declarada encerrada a 02/07/45⁵.

Porém, antes mesmo de encerrada a conquista de Okinawa, ela já havia se tornado uma gigantesca base naval e aérea, destinada a cumprir um papel fundamental na planejada invasão do Japão.

A Guerra no Mar:

Quando a grande armada americana se aproximou de Okinawa, os japoneses imediatamente iniciaram a Operação *Ten-Go*, uma série de ações visando atacar e destruir os navios americanos. E o principal meio para atingir esse objetivo era o Corpo de Ataque Especial, os kamikazes.

Os primeiros ataques kamikazes relacionados à campanha de Okinawa ocorreram a 18/03/45. No dia seguinte, o porta-aviões *Wasp* foi atingido por um piloto suicida e as explosões resultantes mataram 101 tripulantes e feriram outros 269. O porta-aviões *Franklin* também foi atingido e, ape-

sar de muito danificado e sofrer 989 baixas (das quais 724 fatais), conseguiu retornar aos EUA (teve que atravessar o Canal do Panamá para sofrer reparos em Nova York).

A 31/03/45, véspera da invasão, o cruzador *Indianapolis*, nave-capitânia de Spruance, foi atingido por um avião kamikaze, fazendo-o mudar seu posto de comando para o encouraçado *New México*. No dia seguinte, o porta-aviões britânico *Indefatigable* também foi atingido, mas voltou a operar em menos de uma hora. Outros navios menores logo começaram a sofrer danos graves e alguns foram afundados. Já no dia 03/04/45, o ancoradouro avançado em Kerama Retto já começava a ficar congestionado de navios avariados.



Um kamikaze realiza o seu mergulho fatal.

A 06/04/45, os kamikazes realizaram a sua primeira incursão em massa. Ao todo, 660 aparelhos, dos quais 355 kamikazes, voando em aviões de todos os tipos: caças velozes, bombardeiros recém-construídos, velhos aviões de treinamento e até hidroaviões. A inexperiência de seus pilotos, porém, fazia deles alvos fáceis para os experientes pilotos de caça americanos, muitos dos quais se tornaram ases da noite para o dia abatendo esses infelizes que mal sabiam voar em linha reta. Entre 13:00 h e 18:00 h, a cabeça-de-praia americana foi atacada por 182 aviões inimigos em 22 ataques distintos. Alguns lançaram bombas e torpedos, mas outros lançaram a si próprios. Cerca de 20 kamikazes atingiram seus alvos. Uma das vítimas foi o caça-minas *Rodman*. O mergulho de um ataque suicida atingiu sua popa, que se transformou num enorme buraco, e o leme deixou de funcionar. Os marinheiros conseguiram, afinal, controlar o incêndio. Mas então os japoneses apareceram de novo. Um novo impacto a meia nau quase dividiu o navio ao meio. Outro atingiu a cabine do capitão. Às 3:25 h do dia seguinte, o *Rodman* chegou a Kerama Retto. Ele sobreviveu. Outros não tiveram essa sorte. Os destróieres *Bush* e *Calhoun* e o caça-minas *Emmons* foram afundados, enquanto o LST 447 e o transporte de munição *Logan Victory* foram destruídos, este numa espetacular explosão (em função disso, houve escassez de munição de morteiro para o

⁵ Por incrível que pareça, grupos de guerrilheiros continuaram a hostilizar as forças de ocupação até 1947!

10º Exército durante boa parte da campanha). Nesse dia, os americanos perderam 27 barcos (dos quais 6 afundados) e mais de 500 marinheiros. Os japoneses perderam 380 aviões, a maioria abatida pelos caças dos porta-aviões americanos.

Mas quem mais sofreu com os kamikazes foi a linha avançada de radar, formada por destróieres e destróieres de escolta. A missão desses barcos era estabelecer uma rede de aviso antecipado para a esquadra, num círculo distante cerca de 160 quilômetros das praias de invasão, avisando da aproximação de aviões inimigos, dando assim tempo para que as forças de caça dos porta-aviões decolassem para a interceptação. Esta posição ficou conhecida como “Linha de Piquetes de Radar”. Como, muitas e muitas vezes, esses eram os primeiros navios americanos que os pilotos japoneses encontravam em sua viagem para Okinawa, acabavam sendo escolhidos como alvos. As perdas de destróieres da linha de radar, portanto, foram das mais elevadas da campanha. Contra tal arma, a única defesa dos americanos era o ataque. Era necessário arrasar as bases de onde eram lançados os ataques kamikazes, fazendo uso, inclusive, dos B-29. Também foi reforçada a Patrulha Aérea de Combate, com dezenas de aviões de caça sobrevoando permanentemente a esquadra. A linha de piquetes de radar foi reforçada com navios antiaéreos. Aos canhões navais são acrescentados os canhões do Exército, instalados na cabeça-de-praia. O cordão protetor é formidável, mas o atacante também é.

A 07/04/45, o porta-aviões *Hancock* foi seriamente avariado por um kamikaze, sofrendo cerca de 800 baixas. No dia 11/04/45, foi a vez do veterano porta-aviões *Enterprise* ser atingido por dois Kamikazes. O *Essex* também foi avariado, além de dois destróieres.

A 12/04/45, os japoneses lançaram outro ataque em massa, com mais de 170 aviões. Mais uma vez, a linha de piquetes é atingida. O *Cassin Young*, o *Jeffers* e o *Mannert L. Abele* são atingidos, sendo este último vítima de uma “Baka”. Os dois primeiros sobrevivem, mas o *Abele* é feito em pedaços, com a perda de 80 tripulantes. Os navios grandes também sofrem: os encouraçados *Tennessee* e *Idaho* são atingidos, enquanto o *New Mexico* é alvo de uma bateria de costa e sai da batalha com um rombo no casco.

Os ataques kamikazes continuavam apesar dos esforços americanos em destruir suas bases. Isso se devia ao fato de que os kamikazes estavam espalhados e bem camuflados. No dia 16/04/45, o destróier *Laffey* teve a traumática experiência de ser atacado durante 80 minutos por 22 aviões japoneses. Embora tivesse abatido 9 atacantes e a Patrulha Aérea de Combate outros tantos, 6 kamikazes conseguiram atingi-lo, além de 4 bombas. Milagrosamente, o navio sobreviveu, che-

gando ao porto rebocado, tendo a bordo 31 mortos e 72 feridos. O destróier *Pringle*, porém, não teve a mesma sorte: atingido por um kamikaze junto aos seus tubos lança-torpedos, a explosão deles dividiu o navio ao meio, com a perda de 65 vidas. No mesmo dia, o encouraçado *Missouri*, o porta-aviões *Intrepid* e o destróier *Harding* foram avariados.



A Yokosuka MXY7 “Oka” (Flor de Cerejeira) era uma bomba-foguete tripulada. Ela era transportada por um bombardeiro até as proximidades do alvo e liberada em um mergulho suicida de alta velocidade. Então, a baixa altitude, ela planava na direção do seu alvo. Chamada de “Baka” (Tolo) pelos americanos, seu modelo 11 (o mais numeroso – 755 unidades) podia transportar 1.200 kg de explosivos. Embora ela não se revelasse muito eficaz, seu pequeno tamanho e grande velocidade faziam com que ela fosse quase impossível de ser interceptada.

No fim do mês, 20 navios americanos haviam sido afundados e 157 danificados (14 e 90, respectivamente, por kamikazes), ao custo de mais de 1.100 aviões nipônicos destruídos.

Mas a esquadra americana havia chegado para ficar. Navios destacados no Pacífico Central e do Norte, bem como do Atlântico, foram transferidos para Okinawa para compensar as perdas.

A cabeça-de-praia era mantida sob permanente manto de fumaça, protegendo os navios de transporte, lentos, desarmados e sem blindagem.

A 03/05/45, o lança-minas *Aaron Ward* foi atacado por 25 aviões japoneses. Apesar de incendiado e com a munição explodindo, ele sobreviveu. No dia seguinte, o destróier *Morrison* foi afundado por quatro kamikazes, incluindo um velho hidroavião E7K “Alf”, que ainda pousou na água, taxiou e decolou novamente para atingir o navio em cheio na torre de popa. Ainda nesse dia, o porta-aviões de escolta *Sangamon* também foi atingido por um kamikaze e sofreu 46 baixas. Todavia, decidiu-se não repará-lo e posteriormente ele reverteu à sua função original de navio mercante (foi o único porta-aviões avariado em Okinawa que não foi recuperado).

A 11/05/45, o porta-aviões *Bunker Hill*, navecapitânia de Mitscher, foi atingido duas vezes por kamikazes, forçando a transferência do almirante para o *Enterprise*. Dois dias depois, este também foi atingido e ele novamente se mudou, agora

para o *Randolph*.

A 27/05/45, 115 aviões japoneses caem na água, sem atingir um único barco americano. No dia seguinte, os atacantes são mais eficientes e mandam para o fundo o destróier *Drexler*, além de avariar 9 outros navios.

A meia-noite de 27/05/45, a 5ª Esquadra americana se transforma na 3ª Esquadra. A essa hora, seguindo o rodízio de comando da frota, o Almirante Halsey substituiu Spruance.

Durante o mês de junho, porém, os ataques japoneses diminuem. Com a previsível queda de Okinawa e a perda de centenas de pilotos, os japoneses decidiram poupar suas forças e preparar novos pilotos para enfrentar a inevitável invasão do Japão.

Mas não cessaram totalmente. Os marinheiros em seus pequenos barcos sentem-se abandonados no meio do oceano, à mercê de um inimigo implacável. Surgem casos de esgotamento nervoso, histeria e insanidade. Em um dos barcos da linha de piquetes, num momento de calmaria, um artilheiro de canhão AA de 40 mm de repente gritou:

— Está quente hoje! – Em seguida, jogou-se no mar. Não foi mais visto.

Mas, até nessa hora, espíritos mais altivos conseguem exibir algum senso de humor. Em outro barco, os marinheiros colocaram uma placa de madeira virada para o alto com uma seta e com a inscrição: “Aos pilotos japoneses: sigam a direção da seta para chegarem à Força-Tarefa 58”.

A 03/06/45, os kamikazes reaparecem, após a trégua proporcionada pelo mau tempo, atacando com 75 aparelhos, porém, sem qualquer êxito.

A 04/06/45, um tufão sacode a frota de invasão, avariando cerca de 20 navios, inclusive o cruzador *Pittsburgh*, o porta-aviões *Hornet* e vários outros navios. No dia seguinte, o encouraçado *Mississippi* e o cruzador *Louisville* são atingidos por kamikazes.

Ao todo, os japoneses realizaram 896 ataques aéreos durante a campanha de Okinawa, perdendo milhares de aparelhos, muitos deles em ataques suicidas. Ao fim da campanha, 1.465 vôos kamikazes haviam partido só de Kyushu.

Todavia, os japoneses não afundaram nenhum navio maior que um destróier. Muitos navios avariados foram rapidamente reparados e estariam prontos para participar da invasão do Japão.

Apesar do fato de que a maioria dos aviões kamikazes levava pequena carga de explosivos e de que as bases avançadas da marinha realizavam prodígios de logística ao realizar reparos rápidos nos navios avariados, o fato é que apenas um país com o tremendo poderio industrial dos Estados Unidos poderia ter suportado este implacável tipo de ataque.

O Fim do Yamato:

O encouraçado japonês *Yamato*, o maior navio de guerra até então construído, acompanhado pelo cruzador leve *Yahagi* e 8 destróieres, foi despachado para Okinawa a 06/04/45, sem cobertura aérea e com combustível apenas para a viagem de ida. Sua missão: encalhar em Okinawa e lutar até ser destruído.

O submarino USS *Hackeback*, porém, interceptou a força japonesa e alertou a esquadra. Os aviões da Força-Tarefa 58 começaram a decolar às 10:00 h de 07/04/45. Um enxame de aviões americanos atacou a frota condenada durante duas horas. O *Yamato* recebeu o impacto de 5 bombas e 10 torpedos, finalmente explodindo e afundando às 14:23 h. O *Yahagi* também foi ao fundo, depois de levar 7 bombas e 12 torpedos. Dos destróieres, 4 foram afundados (*Asashimo*, *Hamakaze*, *Kasumi* e *Isokaze*), enquanto outros 3 não puderam mais ser reparados. Da tripulação do *Yamato* (2.747 homens), apenas 23 oficiais e 246 marinheiros sobreviveram. As perdas americanas limitaram-se a 10 aviões e 12 homens. Essa foi a última ação naval japonesa da guerra.

O Preço:

As estatísticas demonstram o alto preço da “última batalha”. O US Army teve 4.675 mortos e 18.099 feridos. Ao todo, as forças terrestres (Exército, “Marines” e suas respectivas armas aéreas) sofreram 41.729 baixas (dos quais, 7.613 mortos).

A US Navy teve 36 navios afundados, além de 368 danificados (incluindo aí as avarias advindas de encalhes, colisões e fenômenos da natureza), dos quais 43 ficaram tão danificados que nunca retornaram ao serviço. Desse total, os ataques kamikazes foram responsáveis pelo afundamento de 26 e avarias em 225. Os ataques convencionais afundaram apenas 2 e danificaram 61. As perdas de pessoal da Marinha foram de 4.907 mortos e 4.824 feridos. Se somarmos os 2.938 “Marines” mortos ou desaparecidos em ação e os 16.017 feridos (incluídas aqui as tripulações aéreas), teremos que a campanha de Okinawa foi a mais cara para os serviços navais americanos em toda a sua História.

Houve também mais de 26.200 baixas não relacionadas ao combate. As perdas americanas, portanto, ultrapassaram 75.000.

Os americanos perderam ainda 763 aviões (458 em combate), incluindo os B-29 abatidos nos ataques aos campos de pouso japoneses.

Os aliados ingleses também tiveram sua cota de sacrifício. Todos os cinco porta-aviões que integraram a Força-Tarefa 57⁶ foram avariados por

⁶ O *Formidable* substituiu o *Illustrious* a 14/04/45.

kamikazes. Ao todo, 203 aviões ingleses foram perdidos, embora apenas 33 pela artilharia AA inimiga (os demais por acidentes, ataques kamikazes, etc.). As baixas em pessoal foram de 168, das quais 85 mortos ou desaparecidos. Porém, os conveses blindados dos porta-aviões ingleses revelaram-se vitais contra os kamikazes, pois mesmo atingidos eles podiam voltar a operar em questão de horas.



Um kamikaze atinge o porta-aviões britânico *HMS Formidable* a 04/05/45.

Naturalmente, as perdas japonesas foram enormes. O 32º Exército teve 107.539 mortos e 23.764 selados em cavernas pelos explosivos americanos ou por eles próprios, como única alternativa à rendição. Surpreendentemente, muitos japoneses caíram prisioneiros (cerca de 7.400, além de uns 3.400 trabalhadores coreanos e chineses). A população civil também sofreu terrivelmente. Estimativas da época dão conta de que mais de 42.000⁷ morreram, muitos dos quais se suicidaram jogando-se de despenhadeiros diante dos cinegrafistas, devido à propaganda japonesa que retratava os americanos como bárbaros. Muitos, porém, foram mortos pelos próprios japoneses, como arma de terror contra a idéia de rendição.

A Marinha japonesa teve 16 navios afundados, incluindo o superencouraçado Yamato, e 4 avariados. Durante a missão suicida do Yamato, mais de 3.600 marinheiros japoneses pereceram.

Os japoneses perderam também 7.830 aviões, incluídos aí os aparelhos destruídos no solo, em acidentes ou combatendo os B-29. Mais de 4.600 kamikazes sacrificaram suas vidas.

Ao todo, somando ambos os lados, houve quase 170.000 mortos na luta por Okinawa.

Conclusões:

Okinawa figurará para sempre como uma das campanhas mais terríveis da História. Em Okinawa, a luta feroz estendeu-se pelos três elemen-

tos: terra, mar e ar. Em nenhum momento da história americana, num período de apenas três meses, a marinha americana havia perdido tantos navios e nunca as forças terrestres haviam sofrido tantas baixas em uma área tão pequena. Da mesma forma, os japoneses nunca haviam sofrido perdas dessa ordem em nenhuma campanha anterior. E teve ainda uma peculiaridade: os dois comandantes (Buckner e Ushijima) não sobreviveram a ela.

Embora o fim da guerra em agosto fizesse com que as razões para a sua invasão desaparecessem, não se pode considerá-la como uma batalha inútil. E, apesar do desenvolvimento de suas bases aéreas ainda não tivesse terminado quando o Japão se rendeu, da ilha partiram 6.435 surtidas da aviação americana para atacar o território japonês.

A ilha, conquistada com tanto sacrifício, ajudou a quebrar a resistência japonesa. Os nipônicos haviam utilizado todos os seus recursos, mesmo os mais desesperados, e haviam sido derrotados, tornando óbvio a todo o mundo que o mesmo se daria em qualquer outro lugar e qualquer outra ocasião posterior. Era só uma questão do preço a pagar. Os militares japoneses estavam dispostos a pagar todo e qualquer preço, incluindo o extermínio de toda a sua nação, para obter nada além de uma derrota honrosa, como se pudesse haver alguma honra num tal morticínio. A perda de Okinawa foi mais um dos fatores que fizeram os pacifistas no governo japonês começarem a ganhar coragem para pleitear o fim da guerra. Okinawa foi um tijolo importante na construção do edifício da paz.

Portanto, a última batalha não foi travada em vão.

⁷ Estudos de pós-guerra revelaram que esse número era, na verdade, muito maior, passando de 122.000.